

trabalho*necessário*

issn: 1808-799X

ano 6 - número 6 - 2008

A PRODUÇÃO EM MARX E A UTILIZAÇÃO DO MÉTODO

MATERIALISTA DIALÉTICO PARA A SUA ANÁLISE¹

Hajime Takeuchi Nozaki²

I. Breve apresentação do objeto e objetivo do texto

Ao centrarmos a discussão a respeito da formação humana, o fazemos a partir da consideração de uma categoria como determinante dessa relação. Trata-se da categoria trabalho, que possui uma dimensão ontológica, ou seja, própria do ser humano, e assume outra histórica, socialmente produzida, sobretudo no modo de produção capitalista. Assim, o trabalho em suas dimensões nos traz elementos teóricos constitutivos de uma totalidade rica em determinações e síntese da relação entre produtividade e formação humana, objeto de nossa investigação mais ampla. Ainda a respeito da formação humana, essa se coloca como mediadora do trabalho, uma vez que, também situada em uma determinada materialidade social, concorre à construção dos processos dominantes da dimensão histórica do trabalho, mas também atua num processo de contra-

corrente, no sentido da recuperação da dimensão humanizadora, ou seja, do trabalho em sua dimensão ontológica.

Portanto, apreender nosso objeto, em seus diferentes aspectos da realidade, faz com que nos detenhamos em tentar buscar, sob o ponto de vista concreto da formação humana, significados socialmente elaborados a respeito da construção de determinado homem, os quais ocupam o cenário das formulações de políticas para a formação para o trabalho. Neste contexto, indaga-se se a formação para o trabalho não está hoje intrinsecamente relacionada com o trabalho produtivo. Já o próprio trabalho produtivo pode vir a ser uma abstração se não recorrermos ao conceito de produtividade e, esse último, ao conceito de produção.

Por outro lado, o próprio Marx (1982a) atentou para a questão de que a produção não pode ser vista isoladamente, nem tampouco analisada de forma fragmentada, como o ponto inicial de um ciclo que termina com consumo, onde a distribuição e a troca se configuram como intermediários, mas a produção se relacionaria com todos esses outros processos, configurando uma totalidade dialética, e assim propôs elaborar sua teorização acerca daquele conceito. Assim sendo, o esforço deste texto é tentar resgatar a discussão a respeito de produção, na forma dialética em que Marx trabalhou tal conceito no âmbito da economia política, evidenciando, desta forma, a utilização do método materialista dialético.

II. O que é produção?

Seguindo a esteira da perspectiva dialética, elegemos como um ponto inicial de investigação o conceito de produção exposto na *Introdução de Para Crítica da Economia Política* (ibid.). Justificamos a escolha por algumas razões. O tema da produção e trabalho produtivo é recorrente na extensão da obra de Marx, tais como em *Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844*, os *Grundrisse*, O

Capital, *Teorias da Mais-Valia*, entre outros. No entanto, é justamente na *Introdução* que percebemos uma sistematização do conceito de produção mediada pelo de consumo, distribuição e circulação, feita a partir do debate com representantes da economia clássica e dos fisiocratas. Outro motivo é que a exposição da *Introdução*, inicialmente feita para acompanhar o *Para Crítica da Economia Política*, é imensamente rica sob o ponto de vista do método dialético, e o próprio autor admite que antecipa a apresentação dos resultados de sua pesquisa, o que o fez suprimi-lo na publicação dessa última, em 1859:

Suprimo uma introdução geral que havia esboçado, pois graças a uma reflexão mais atenta, parece-me que toda antecipação perturbaria os resultados ainda por provar, e o leitor que se dispuser a seguir-me terá que decidir a ascender do particular para o geral. Por outro lado, poderão aparecer aqui algumas indicações sobre o curso dos meus próprios estudos políticos-econômicos (MARX, 1982b, p.24).

Assim, a *Introdução*, torna-se uma obra esclarecedora não só do ponto de vista do conceito de produção, como também do próprio método dialético. Ela foi escrita, pode se afirmar, tendo como pano de fundo histórico e concreto a crise econômica que a Europa enfrentou em 1857, o que fez com que Marx se apressasse, com muito ânimo, a redigir os *Grundrisse* e *Para a Crítica da Economia*, na intenção de presenciar nova onda revolucionária, tal como ajudou a construir em 1848. Não é injusto afirmar que essa última obra foi uma precursora dos escritos de Marx, publicada ainda em sua vida, que se dedicou *stricto sensu* aos conceitos da economia política, uma vez que outras obras também importantes, e que a antecederam, tais como os *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* e os próprios *Grundrisse*, só vieram a público no século subsequente à sua morte.

Deste ponto de vista, é emblemática a tomada da *Introdução* como um texto inicial de análise, ainda que ela tenha sido publicada apenas em 1903, pois aqui reside a intenção de explicitar o debate marxiano com as teorias econômicas de até então, as quais o autor vinha se apropriando, com muita dedicação, desde o início dos anos 40 do século XIX:

Esse esboço sobre o itinerário dos meus estudos no campo da economia política tem apenas o objetivo de provar que minhas opiniões, sejam julgadas como forem e por menos que coincidam com os preconceitos ditados pelos interesses das classes dominantes, são o resultado de uma pesquisa conscienciosa e demorada (ibid., p.27).

Uma vez justificada a escolha da obra que tomamos como ponto inicial, passaremos imediatamente ao exame do conceito de produção. Aqui se ressalta a questão: qual é o ponto de partida para o exame desse conceito? Na perspectiva marxiana, o ponto de partida seria não a produção em si, como um aspecto isolado da realidade, ou ainda, como discutiam os clássicos David Ricardo e Adam Smith, a produção como um resultado de trabalhos individuais isolados³. O ponto de partida seria, portanto, *os “indivíduos produzindo em sociedade”*, ou seja, *“a produção dos indivíduos determinada socialmente”* (ibid., p.3).

Para Marx (ibid.), a concepção liberal burguesa de produção, que se coloca dominante a partir do século XVIII por meio da decomposição das formas feudais de sociedade e surgimento de novas forças produtivas, trata-se de uma apologia ao retorno de uma visão naturalista de humanidade, onde se prega a sociedade de livre concorrência, em que o indivíduo aparece produzindo fora da sociedade, de uma forma ideal que poderia ter existido no passado. Essa concepção retira a percepção do indivíduo como um resultado histórico e o coloca como simplesmente um resultado abstrato da natureza. Contudo, argumenta Marx que *“quanto mais se recua na História, mais dependente aparece o indivíduo e, portanto, também o indivíduo produtor, e mais amplo é o conjunto a que pertence”* (ibid., p.4). Argumenta ainda que é o próprio ponto de vista burguês que formula o indivíduo isolado, justamente aquele que parte das relações sociais que alcançaram mais alto grau de desenvolvimento. Portanto, *“quando se trata, pois, de produção, trata-se da produção em um grau determinado do desenvolvimento social, da produção de indivíduos sociais”* (ibid., p.4).

Desta forma, nosso objeto não é a produção como um conceito transcendente e abstrato, mas a produção situada em determinada mediação social da existência humana, vale dizer, no modo de produção capitalista. Não se trata, assim, de tomarmos o exame da produção do indivíduo isolado, pois esta

ainda encontra-se no plano da representação caótica do todo. Buscar reconstituir a totalidade significa estreitar laços com a riqueza de determinações e relações diversas que, nesse caso, trata-se de não isolar a investigação acerca da produção, tanto sob o ponto de vista do indivíduo, como de outras mediações, tais como consumo, distribuição e troca, mas de uni-las de forma dialética, na contraposição da visão fragmentada e etapista que a economia política de até então impingiu. Para isso, é importante perceber a intensificação da produção na forma da produtividade, com vistas à tentativa da recomposição do capital. Entretanto, para fins deste estudo, não se trata tão somente do modo de produção capitalista sob um ponto de vista generalizado, senão sob determinada fase em que atravessa sua historicidade nesse momento, ou seja, no contexto de reestruturação produtiva e flexibilização do trabalho, que traz demandas para o plano da formação humana, sob o ponto de vista dominante, demandas relacionadas à criação de competências, da formação flexível e polivalente, com vistas a empregabilidade.

Todavia, o próprio Marx argumenta que, mesmo considerando-se as diferentes épocas históricas, e suas várias determinações sociais, é possível perceber determinações comuns às várias épocas, o que tornaria objeto de apreensão do seu método da economia política:

Mas todas as épocas da produção têm certas características comuns, certas determinações comuns. A **produção em geral**⁴ é uma abstração, mas uma abstração razoável, na medida em que, efetivamente sublinhando e precisando os traços comuns, poupa-nos a repetição. Esse caráter geral, contudo, ou esse elemento comum, que se destaca através da comparação, é ele próprio um **conjunto complexo, um conjunto de determinações diferentes e divergentes**⁵. Alguns desses elementos comuns pertencem a todas as épocas, outros apenas são comuns a poucas. Certas determinações serão comuns à época mais moderna e à mais antiga. [...] As determinações que valem para a produção em geral devem ser precisamente separadas, **a fim de que não se esqueça a diferença essencial por causa da unidade**⁶, a qual decorre já do fato de que o sujeito – a humanidade – e o objeto – a natureza – são os mesmos (ibid., p.4,5).

Como percebemos no texto, a análise da produção enquanto um objeto do método materialista dialético torna-a, em sua última análise, uma totalidade complexa, síntese de múltiplas determinações; nos argumentos de Marx, a

produção é sempre um ramo particular da produção (agricultura, pecuária, manufatura...), mas também a produção não é apenas uma produção particular, mas um *“certo corpo social, sujeito social, que exerce sua atividade numa totalidade maior ou menor de ramos da produção”* (ibid., p.5):

Em resumo: existem determinações comuns a todos os graus de produção, apreendidas pelo pensamento como gerais; mas as chamadas **condições gerais de toda a produção**⁷ não são outra coisa senão esses fatores abstratos, os quais não explicam nenhum grau histórico efetivo da produção (ibid., p.6).

III. A produção no contexto de suas relações mediatas

Neste tópico, seguiremos aprofundando o empenho marxiano em situar a produção enquanto um elemento constituinte de uma totalidade e, assim, interligada tanto à distribuição, quanto ao consumo e à troca, ou seja, apresentaremos a produção no contexto de suas relações mediatas. Esse particular ponto de vista coloca a apreensão dialética em confronto com as formulações econômicas de até então. Para os economistas em geral, os elementos se constituíam de forma isolada, como uma etapa de um processo. Na produção, os homens se apropriariam dos produtos da natureza para satisfazer suas necessidades; na distribuição, a proporção em que os produtos seriam divididos seria determinada pela participação dos indivíduos na produção; na troca, a atribuição seria o fornecimento de produtos particulares em que quisessem converter a quantia que lhes coube, a cada um, pela distribuição; enquanto no consumo, finalmente, os produtos se converteriam em objetos de apropriação individual. Marx (ibid.) atenta para o fato de que, nessa perspectiva, a produção se torna o ponto inicial do processo, enquanto generalidade, tendo como ponto final o consumo, na forma de individualidade. Distribuição e troca atuam como um meio termo⁸, pois a primeira é determinada pela sociedade, enquanto a última pelos indivíduos. Mesmo assim, trata-se de um encadeamento superficial,

que Marx (ibid.) supera em sua formulação teórica, da forma como vamos expor, a seguir.

Inicialmente, Marx (ibid.) resgata o caráter não mediato da relação produção e consumo apresentado pelos economistas. A produção é imediatamente consumo – consumo duplo, subjetivo e objetivo. O indivíduo, ao produzir, também gasta, consome forças vitais, assim como produzir é consumir os meios de produção utilizados e matéria prima. No entanto, nos lembra que essa relação do consumo produtivo só é estabelecida no intuito de separar, posteriormente, o consumo idêntico à produção, do consumo propriamente dito, entendido como uma agente de destruição da própria produção. Por outro lado, na percepção liberal, o consumo é também imediatamente produção, na proporção que, por exemplo, na natureza, o consumo dos elementos e das substâncias químicas produz a planta, ou ainda, sob o ponto de vista do consumo humano, esse produz o próprio corpo do homem; mas, para a economia, essa produção igual ao consumo é uma segunda produção nascida do aniquilamento do produto da primeira⁹. Portanto, sob esse ponto de vista, a existência de uma unidade imediata entre produção e consumo não impede, por outro lado, a existência também de uma dualidade imediata.

Logo em seguida, é apresentado o caráter mediato da relação produção e consumo, que incorpora o caráter imediato acima descrito e, ao mesmo tempo, o coloca em estado de subordinação teórica, o que desmonta e supera o corpo teórico com o qual Marx debate:

A produção é, pois, imediatamente consumo; o consumo é, imediatamente, produção. Cada qual é imediatamente seu contrário. Mas, ao mesmo tempo, **opera-se um movimento mediador entre ambos**¹⁰. A produção é mediadora do consumo, cujos materiais cria e sem os quais não teria objeto. Mas o consumo é também mediador da produção ao criar para os produtos o sujeito, para o qual são produtos. O produto recebe seu acabamento final no consumo [...] Sem produção não há consumo, mas sem consumo tampouco há produção (ibid., p.8).

O método dialético permite Marx inferir que o consumo cria a produção em dupla dimensão: a) porque o produto não se torna produto efetivo sem o consumo;

b) porque o consumo cria a necessidade de uma nova produção, como cria também o objeto que atua na produção como determinante de finalidade. Por outro lado, a própria produção cria o consumo: a) porque ela fornece os materiais, o objeto; b) não somente por isso, mas porque determina também seu caráter de acabamento, ou seja, o objeto criado determina a forma ou modo a ser consumido; c) por fim, porque gera ao consumidor a própria necessidade do produto. Assim, produção e consumo assumem identidades dialéticas na medida em que um não se efetiva sem o outro, mas principalmente porque criam a própria necessidade de existência do outro e, por outro lado, determinam até a própria forma de ser do outro. Marx (ibid.) ressalta, desta forma, a título de síntese, três identidades (relações) entre produção e consumo: a) identidade imediata: a produção é consumo, e o consumo é produção¹¹; b) dependência recíproca: ambos aparecem como meio e existem por mediação do outro, mas ainda de exteriores entre si; c) identidade dialética: cada um não é apenas imediatamente o outro, nem apenas intermediário do outro, mas cada um, ao realizar-se, cria (determina) o outro.

Uma vez feita a síntese das relações entre produção e consumo, Marx amplia ainda mais o nível dessas relações ao lembrar que na esfera do concreto social, o retorno da produção para o consumo de quem a produziu depende da relação deste último com outros indivíduos. Existe, pois, uma centralização das relações humanas (modo de produzir) a serem investigadas para que se chegue à relação produção/consumo, e aquelas, por sua vez, dependem de como se dá a distribuição, por meio de leis sociais, da produção de determinada sociedade. Nesse ponto Marx (ibid.) indaga: *“Mas constituirá a distribuição uma esfera autônoma, marginal e exterior à produção?”* (p.10).

Tal questionamento marxiano destina-se diretamente aos economistas com quem trava debate, visto que, para estes, as relações e os modos de distribuição aparecem apenas como o inverso dos agentes de produção e mantêm, com esses últimos, uma relação de afastamento e independência. A distribuição aparece naturalmente como uma lei social, que condiciona a posição do indivíduo isolado

no interior da produção. Por vezes ela aparece como se precedesse a própria produção, e como se não dependesse dela, mas, pelo contrário, como se a produção se articulasse em torno da distribuição. A esse respeito, Marx (ibid.) chama a atenção para o fato de que

A articulação da distribuição é inteiramente determinada pela articulação da produção. A própria distribuição é um produto da produção, não só no que diz respeito ao objeto, podendo apenas ser distribuído o resultado da produção, mas também no que diz respeito à forma, pois o modo preciso de participação na produção determina as formas particulares da distribuição, isto é, determina de que forma o produtor participará da distribuição (p.11).

Novamente Marx ressalta o caráter de unidade entre as diversas mediações da produção. Mais do que isso, a preocupação parece referir-se, nesse ponto específico, às relações sociais de distribuição da produção, pois sob o ponto de vista histórico, o exame marxiano volta-se à questão de que nem sempre o produtor, ou melhor explicitando, a classe que produz, participa de igual forma com outra classe da distribuição, nesse caso, que vive da produção da primeira.

Em relação à idéia de que a distribuição se dá de forma independente, como distribuição simples dos produtos, lembra-nos ainda Marx (ibid.) que a distribuição de produtos é, antes de tudo, distribuição dos meios de produção e, segundo, distribuição dos membros da sociedade pelos diferentes tipos de produção, o que é uma determinação ampliada da relação anterior. Portanto, a distribuição dos produtos, enquanto aspecto da apreensão fenomênica, é o próprio resultado da distribuição intrinsecamente ligada ao processo de produção e, constitui, por sua vez, uma determinante da produção. Nesse ponto, Marx (ibid.) dirige uma crítica direta a Ricardo, quando este atribui como sendo a distribuição o objeto de estudo da economia moderna, pois esta defesa, segundo Marx (ibid.), é feita no intuito de naturalizar a produção como verdade eterna e, assim, também as relações humanas daí demandadas. Em contraposição a essa visão, defende a idéia de que a distribuição depende da produção, mas só depende devido ao caráter de historicidade dialética da produção:

[...] o modo de produção [...] é decisivo para a nova distribuição que se estabelece. Embora esta surja como uma condição prévia para o novo período de produção, ela própria é um produto da produção, não somente da produção histórica em geral, mas da produção histórica determinada (ibid., p.12).

Por fim, a troca é interrelacionada a essa discussão junto com a idéia de circulação. Lembra-nos que a própria circulação é apenas um momento determinado da troca, ou ainda, que se trata da troca em sua totalidade. Por outro lado, a troca é um elemento de mediação entre a produção e a distribuição, determinada por ela e o consumo e, portanto, a troca é também um momento na produção. Assim, ressalta que: a) parece claro que a troca de atividades e capacidades, que se efetua na própria produção, se liga diretamente a ela e a constitui; b) também é certa tal relação na troca de produtos, pois esta serve para criar o produto acabado, destinado ao consumo imediato; c) contudo, a chamada troca entre negociantes é tratada como uma atividade produtiva, onde a troca aparece como independente junto à produção e indiferente em relação a ela. A esse respeito, Marx (ibid.) comenta:

Mas primeiro, não existe troca sem divisão de trabalho, quer natural, quer como resultado histórico; segundo, a troca privada supõe a produção privada; terceiro, a intensidade da troca, do mesmo modo que sua extensão e tipo, são determinadas pelo desenvolvimento e articulação da produção [...] A troca aparece, assim, em todos os seus momentos diretamente compreendida na produção ou por ela determinada (p.13)¹².

Novamente o empenho marxiano é de demonstrar a relação orgânica existente entre as várias instâncias mediadoras da produção, compreendendo a troca como uma delas. Mais do que qualquer inferência da nossa parte, parece-nos ilustrativo a própria exposição dos resultados a que chegou a análise de Marx (ibid.):

O resultado a que chegamos não é que a produção, a distribuição, o intercâmbio, o consumo, são idênticos, mas que todos eles são elementos de uma totalidade, diferenças dentro de uma unidade (p.13).

Se a distribuição sofre uma modificação, modifica-se também a produção; com a concentração do capital, ocorre uma distribuição diferente da população na cidade e no campo etc. Enfim, as necessidades do consumo determinam a produção. Uma reciprocidade de ação ocorre entre os diferentes momentos. Este é o caso de qualquer todo orgânico (p.14).

IV. Breve conclusão, ainda que em caráter provisório

Este texto destinou-se especificamente a uma revisão teórica do debate marxiano com as várias correntes do pensamento econômico hegemônico sob o conceito de produção. No decurso de tal empenho, esperamos ter contribuído para o esclarecimento também de como o método materialista dialético formula – a partir de categorias tais como totalidade, mediação e determinação – sua apreensão do fenômeno, de forma a se contrapor, subordinar e superar as vertentes abstratas de apreensão da realidade.

Por outro lado, reconhecemos que esse texto é apenas um exame preambular no que diz respeito à discussão do tema da formação humana e trabalho produtivo. Para isso, como ressaltamos em partes deste estudo, é importante que se caminhe no sentido do mesmo esforço teórico para outros conceitos e noções tais como produtividade, trabalho produtivo e cidadão produtivo. Por outro lado, é necessário que se faça esse exame no contexto da intensificação da produção como tentativa de recomposição do capital, em meio à sua atual crise de superacumulação, bem como sua expectativa no plano da formação humana para a gerência de tal crise.

No sentido do trabalho a ser feito, esperamos aqui ter apenas contribuído para lançar questões que podem vir a ser seguidas como eixos norteadores desse caminho teórico ainda a ser percorrido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARX, Karl. *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*. In: FROMM, Erich. *Conceito Marxista do Homem*, 7ª ed., Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979, pp. 83-170.

_____. *Teorias da Mais-Valia*. Livro 4 de *O Capital*, Vol. I. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

_____. *Introdução (Para a crítica da economia política)*. São Paulo: Abril Cultural, 1982a.

_____. *Prefácio (Para a crítica da economia política)*. São Paulo: Abril Cultural, 1982b.

_____. *O capital: crítica da economia política*. Livro 1, 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

¹ Texto inicialmente escrito para o Projeto de Pesquisa: FRANCO, FRIGOTTO, et.al. *A Formação do cidadão produtivo: da política de expansão do ensino médio técnico nos anos 80 à política de fragmentação da educação profissional nos anos 90: entre discursos e imagens*. *Projeto de Pesquisa*. UFF: Niterói, 2001.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense, área de confluência Trabalho e Educação. Professor do Departamento de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* de Três Lagoas. E-mail: hajimenezaki@uol.com.br

³ Nesse ponto, Marx (ibid.) faz alusão a concepções ficcionistas “*robinsonadas*” da produção, uma referência ao conto de Robinson Crusóé, que após naufragar em uma ilha deserta, constrói uma relação de produção de sua existência mediada simplesmente por seu trabalho individual. A despeito do argumento de Marx de que os economistas clássicos baseavam-se nessa visão individual e isolada de homem produtivo (ou de produção da existência), ainda nesse conto é possível perceber, no entanto, uma relação de exploração do trabalho de Sexta-Feira, um selvagem resgatado por Crusóé, que após salvar a vida daquele, continua sua existência na ilha, beneficiando-se do trabalho daquele primeiro, ou seja, da produção de uma outra pessoa. Isso ilustra que, mesmo no conto de Robinson Crusóé, emblemática na visão da produção sob o ponto de vista burguês, é possível visualizar uma relação de produção socialmente mediada, ainda que apenas por duas pessoas. A esse comentário, vale adicionar a consideração de Marx (ibid.) de que um indivíduo, um homem civilizado, transportado por acaso para um lugar selvagem, leva consigo, dinamicamente, as forças da sociedade a qual pertencia, portanto, que é um absurdo a idéia de produção do indivíduo isolado da sociedade, visto que este já é produto, por sua vez, de uma história de produção social.

⁴ Grifos do autor. Aqui Marx faz uma alusão ao conceito da forma como é tratada pelos economistas que criticou.

⁵ Grifos nossos. Aqui Marx parece fazer uma interessante formulação metodológica. Reconhece a importância do conceito de produção em geral, mas não a partir de uma abstração metodológica, e sim conforme a dialética materialista, como uma totalidade rica de determinações, a totalidade concreta.

⁶ Grifos nossos. Perceba-se que a preocupação em ressaltar a unidade dialética, unidade dos contrários.

⁷ Grifos do autor. Trata-se da mesma referência à formulação da economia combatida por Marx.

⁸ Entretanto, não são mediações, no sentido da categoria dialética, pois não se situam num plano de atravessamentos de uma unidade complexa e contraditória, senão como observaremos a seguir, como atravessamentos simples, de caráter imediato.

⁹ Aqui Marx (ibid.) retoma os conceitos de alienação e fetiche da mercadoria, anteriormente já formulados em textos tais como os *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*, e que o conduzirá na exposição de *O Capital*. Comenta o autor: “*Na primeira [produção] o produtor se coisifica [caráter de alienação], na segunda, é a coisa criada por ele que se personifica [caráter do fetiche da mercadoria]*” (ibid., p. 8).

¹⁰ Grifos nossos. Perceba-se que a categoria mediação, sob o ponto de vista do materialismo dialético, possui um caráter de complexidade, de unidade intrínseca e de criação do outro. Um elemento, mediado pelo outro, não pode sobreviver sem ele, que o determina, mas que também é determinado pelo primeiro, transformando-se constantemente, em razão da relação criada. Essa relação subordina e supera a idéia da mediação sob o ponto de vista da economia política, que não passa de uma relação exteriorizada, com um atravessamento de caráter imediato, fragmentado e cíclico.

¹¹ Aqui Marx (ibid.) ainda faz uma digressão para aludir à posição abstrata hegeliana, como por exemplo, encontrada em Jean Baptiste Say – que denomina de economista prosaico – de definir como idênticos a produção e o consumo de um povo ou de uma humanidade *in abstracto*, ou seja, considerando a sociedade com um único sujeito, de forma especulativa. Neste ponto, já chama a atenção para a necessidade de se tomar como objeto também as relações entre os indivíduos, ou seja, a luta de classes. Da mesma maneira, parece-nos um eixo de investigação do qual não podemos nos desvencilhar para fins de nossa pesquisa.

¹² Tal fundamento é válido para analisar as apologias em torno da produção de riquezas provenientes do setor financeiro e do setor terciário da economia capitalista contemporânea, que insistem em desconsiderar o setor produtivo como aquele que cria as mercadorias negociadas por estes setores.